

ESTORINHAS¹ PARA OUVIR: PROPOSTAS PARA UMA EDUCAÇÃO MUSICAL FUNCIONAL EM NOSSA SOCIEDADE

ENNY PAREJO

RESUMO

Este artigo pretende discutir as contribuições que a música tem a oferecer ao processo de formação integral da criança e apresenta como eixo principal a Escuta Musical como forma de desenvolvimento humano. Como parte desse desenvolvimento, considera os benefícios neuropsicológicos advindos da escuta e propõe uma discussão sobre o valor dessa Escuta como promotora de atitudes e valores que se perdem a cada dia em nossa sociedade. O texto apresenta uma estratégia didática diferenciada – Estorinhas para ouvir, por meio da qual se torna possível unir emoção, sentimento e imaginação a serviço de uma educação bem mais consciente. As Estorinhas para Ouvir possibilitam às crianças relaxar, esvaziar a mente, focalizar energias, liberando-as em seguida, para um trabalho intelectual mais concentrado. Por essa razão, tornam-se ferramentas de trabalho essenciais para o professor em sala de aula. As discussões deste estudo se enquadram no panorama mais amplo oferecido pelas Teorias da Complexidade e da Transdisciplinaridade.

Palavras-chave: Escuta Musical. Benefícios da música. Música funcional.

ABSTRACT

The following discusses the rich benefits that music can offer within a complete educational process. The philosophical basis for this particular discussion is the complexity theory. The main focus is on music listening as a form of human development, with additional considerations of neuropsychological benefits and the question of values, increasingly scarce in today's society. Finally, the text presents a differentiated didactic strategy—storytelling—enabling the educator to bring together emotion, feeling and imagination for a more conscious education. The stories help children relax and clear their minds, freeing them up for more concentrated intellectual work--essential work tools for the classroom teachers.

Keywords: Listening. Music. Musical Benefits. Functional music.

¹ Apesar da discussão entre a aceitação ou não da palavra “estória” e de a Língua Padrão aceitar a palavra “história”, optou-se por manter a primeira neste artigo devido à cristalização do termo no universo a que se refere este estudo (Nota da revisora).

INTRODUÇÃO: A MÚSICA FUNCIONAL

Vivemos uma época de rupturas, tempos difíceis para aqueles que se interessam pela reflexão sobre o bem estar da sociedade. Como educadores, não podemos nos furtar à reflexão sobre os desígnios da Educação em nossas vidas: Aonde queremos chegar? Até aonde queremos conduzir aqueles que se entregam a nós sem restrições?

Estes são nossos alunos. Não há qualquer razão para que não creiam em nós e em nossas melhores intenções. Por isso mesmo, a ação de educar se reveste de grande responsabilidade. Para que ocorra o processo de aprendizagem, tem de existir entrega e, conseqüentemente, confiança.

Na vida, quase sempre escolhemos nossos destinos, o que só faz ampliar a responsabilidade perante aqueles que vêm a nós de coração aberto.

É certo que o processo de ensinar-aprender só se torna dinâmico e vivo a partir da interação que ocorre entre os atores – alunos e professores, “ninguém educa a ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, diria Paulo Freire (1987, p.68); ainda assim, no momento inicial de qualquer prática educativa, temos grande responsabilidade na escolha dos encaminhamentos a adotar.

O planejamento “é uma ação política, é um processo de tomada de decisões para a ação, frente a entendimentos filosófico-políticos do mundo e da realidade”, ensina-nos Luckesi (1990, p.168).

Não existe neutralidade na ação de planejar, pois não existem sujeitos neutros; planejamos para seres humanos específicos que vivem em realidades específicas e diversas.

Qual seria a função da música nas escolas? Produzir retumbantes apresentações ou contribuir para uma vivência mais integrativa entre as pessoas? A educação deve preparar-se para vislumbrar a diversidade de aspectos da formação da personalidade: racionalidade, sensibilidade, sociabilidade, ética e transcendência.

É necessário que a música se coloque definitivamente a serviço da Educação, da formação e da vida das pessoas, como ressalta Koellreutter² nesta fala:

[...] a arte, e a música em particular, devem funcionar como meios de preservação e fortalecimento da comunicação pessoa a pessoa, de sublimação da melancolia, do medo e da desalegria. (...) Como instrumento de libertação, a Arte poderia tornar-se um meio indispensável de Educação, pois oferece uma contribuição essencial à formação do ambiente humano (...) (KOELLREUTTER, 1998, p.5).

A proposta de Estorinhas para Ouvir aqui apresentada insere-se nesse contexto e pretende contribuir para o resgate de valores que dia a dia se perdem em nossa cultura: silêncio, contemplação, observação e o tempo de parar, tão precioso para penetrar a essência de cada coisa; em síntese, pretende contribuir para ajudar o professor a trilhar com seus alunos um caminho que conduz ao desenvolvimento humano, por meio da música.

Lembremo-nos sempre: a criança é um ser complexo, um emaranhado de dimensões, um ser multidimensional que se apresenta como um desafio novo a cada aula.

O SER HUMANO MULTIDIMENSIONAL: UM QUADRO FILOSÓFICO INDISPENSÁVEL

A ótica de desenvolvimento humano que propomos neste escrito nos incita a inserir tais reflexões num quadro mais amplo, filosófico, adequado à mentalidade educacional contemporânea que busca compreender e considerar a multidimensionalidade do ser humano, do processo educacional e da própria realidade.

A escola não pode permanecer numa visão única e numa estratégia única que estabelecem o primado da razão sobre todas as outras dimensões, pois, a

² Hans-Joachim Koellreutter (1915-2005) – compositor, musicólogo e eminente professor que veio para o Brasil em 1937, tornando-se um importante animador da vida cultural e musical brasileiras. Introduziu no país as linguagens musicais de vanguarda. Criou o movimento Música Viva, nos anos 1940. Fundou e dirigiu diversas escolas e festivais. Formou mais de uma geração de compositores.

criança em formação necessita também de experiências intuitivas, sensíveis, transcendentais que possam acender nela a chama do desejo de aprender.

As Estorinhas para Ouvir que veremos mais adiante se apresentam como uma estratégia para isso, na qual a criança participa ativamente como um ser pleno, nenhuma das dimensões importantes em seu processo formativo deve ser esquecida, a exemplo de emoção, corpo, sensibilidade e criatividade. Escolhemos como enquadramento teórico para tais reflexões as Teorias da Complexidade e da Transdisciplinaridade.

Ao contrário do que se possa pensar, Complexidade não quer dizer complicação. Edgar Morin³ nos explica a etimologia da palavra, do latim *complexus*, “o que é tecido em conjunto” (2003, p.20).

Isso quer dizer que todos os fenômenos que estudamos **fazem parte de um contexto maior**, o que nos obriga a considerá-los a partir de diversos pontos de vista.

O aluno, o processo de ensino-aprendizagem, as relações entre professor e aluno e as relações humanas devem ser analisados em seu contexto, para que realmente alcancemos a compreensão dos problemas a resolver.

A Teoria da Complexidade, por meio de uma concepção expandida de realidade, busca integrar – ou reintegrar – tudo aquilo que nos últimos séculos vimos separando, fragmentando, desde que consolidamos o primado da racionalidade sobre todas as outras coisas.

Ao afirmar, *Penso, logo existo*, Descartes instituiu, no século XVIII, uma ruptura entre o pensar e o sentir, estabelecendo o pensar como critério de existência.

Os séculos passaram e, na atualidade, cansados daquilo que Freud denominou *o mal estar da sociedade*, buscamos sua causa e nos encontramos com a tarefa de reunir as dimensões humanas artificialmente separadas.

³ Edgar Morin nasceu em 1921, em Paris, seu nome verdadeiro é Edgar Naoum, é um dos grandes pensadores contemporâneos e considerado o pai da Teoria da Complexidade. Morin defende a interligação de todos os saberes e combate o que chamou de inteligência cega, um tipo de forma de pensar que fragmenta o mundo, e todos os fenômenos do mundo, inclusive o ser humano e o processo educacional.

Uma consequência imediata de se fragmentar e dicotomizar o ser humano é a exclusão do corpo e o fato de relegarmos a segundo plano tudo o que a ele se refira, em especial, as emoções, que emergem da fisiologia humana e se explicitam por meio do corpo.

A exclusão do corpo dos processos de ensino-aprendizagem é uma tentativa frustrada de tornar esse processo mais “racional”, libertando-o de incômodas emoções. É mais fácil lidar com a hegemonia da razão.

No entanto, os maiores estudiosos de nossa época, entre eles Edgar Morin e Antonio Damásio, afirmam que não existe racionalidade pura, despida de emoção, não é possível dirigir-se somente a um intelecto: “[...] A mente teve primeiro de se ocupar do corpo, ou nunca teria existido. De acordo com a referência de base que o corpo constantemente lhe fornece, a mente pode então ocupar-se de muitas coisas, reais e imaginárias” (DAMÁSIO, 2000, p. 17).

A Transdisciplinaridade, na mesma linha de pensamento, assegura para o processo educacional um espaço maior de vida e integração. A Transdisciplinaridade representa “a abertura do olhar sobre o mundo, em todos os aspectos que a consciência consiga abranger” (PAREJO, 2009, p. 5). Implica, portanto, a abertura da visão de mundo e das atitudes para reconhecer a interdependência de todos os elementos da teia na qual nos inserimos, assume que o ser humano e a realidade são multidimensionais.

A visão transdisciplinar garante para o processo educacional mais espaços para o trabalho do ser interior, num dos princípios expressos no preâmbulo de seu documento maior, a Carta da Transdisciplinaridade, lê-se que “a ruptura contemporânea entre um saber cada vez mais acumulativo e um ser interior cada vez mais empobrecido leva à ascensão de um novo obscurantismo, cujas consequências sobre o plano individual e social são incalculáveis”⁴, é contra essa forma de obscurantismo que não coloca em primeiro lugar a elevação do ser humano que devemos nos posicionar como educadores contemporâneos.

⁴ Carta da Transdisciplinaridade (Vide Referências).

As teorias da Complexidade e da Transdisciplinaridade nos acenam para um mundo mais integrativo e mais afetivo, no qual as relações humanas estejam em primeiro plano; isso inclui a relação professor-aluno.

A incorporação desse pensamento à sala de aula, assim como à educação do futuro, exigirão do professor o desenvolvimento de quatro tipos de consciência, primeiramente a consciência de si (autoconhecimento), a consciência do outro (importância do diálogo e da escuta), a consciência do ambiente (compreensão de que fazemos parte de um todo maior) e a consciência da necessidade de integrar opostos, o que significa aprender a viver num mundo de diferenças e opiniões divergentes. Tais consciências vividas na experiência do professor encontrarão seu caminho para a experiência dos alunos, por meio de estratégias didáticas diferenciadas.

Aquilo que tentamos empreender por meio da música nada mais é do que revalorizar a experiência humana em todos os seus aspectos, e trazer para dentro da escola um questionamento fundamental: afinal, o que é ser humano?

A ESCUTA MUSICAL: ESTRATÉGIA PRIVILEGIADA DE EDUCAÇÃO MUSICAL E DESENVOLVIMENTO HUMANO

A Escuta Musical é um poderoso recurso didático formativo com grande potencial para que possamos conduzir em nossas aulas um trabalho coerente com as percepções e atitudes que nos são requeridas, nessa perspectiva filosófica.

Do ponto de vista da Complexidade, ao incluir no processo educacional a dimensão sensível do ser humano, a Escuta Musical contribui para o resgate de sua multidimensionalidade, colocando em jogo tanto a análise racional quanto a dimensão emocional do indivíduo.

Do ponto de vista da Transdisciplinaridade, a Escuta Musical nos possibilita acessar a *zona de não resistência* (PAREJO, 2009, p.22), ou seja, uma região transdisciplinar da experiência humana que se caracteriza pela suspensão da racionalidade, uma região misteriosa da subjetividade que adentramos a cada

vez que vivenciamos um processo profundo de escuta e relaxamento. Nossas salas de aula necessitam a cada dia mais de momentos desse tipo.

Porém, não se trata de uma escuta qualquer, os processos descritos acima só podem ser desencadeados a partir do que estamos denominando *Escuta Musical Sensível*, ou seja, uma escuta eminentemente sensorial, que implica atitude entregue, mas, ao mesmo tempo, imbuída da intencionalidade de ser tocado pela vibração sonora, material e concretamente; a partir desse “toque do som”, tornamo-nos sensíveis, experimentamos emoções e sentimentos.

A Escuta Musical se apresenta ainda como estratégia muito adequada para o ambiente de nossas escolas, por requerer para sua realização um aparato tecnológico mínimo, o aparelho de som e, no mais, somente aquilo que é intrínseco ao ser humano: o aparelho auditivo, um conjunto de atitudes (relaxamento, atenção e concentração, entre outras), o despertar do imaginário e, sobretudo, um professor sensível que saiba extrair do momento da escuta tudo aquilo que tem a oferecer e, da relação com os educandos, a magia do contato afetivo.

VALORES HUMANOS: UMA RECONQUISTA POR MEIO DA MÚSICA

*Os valores são a reserva moral e espiritual
reconhecida da condição humana.*

Marilú Martinelli

A Escuta Musical promove o resgate de valores humanos e do bem estar. Valores humanos, na definição de Martinelli (1996, p.15), “são fundamentos morais e espirituais da consciência humana. (...) Não é possível encontrar o propósito da vida sem esses valores que estão registrados em nosso ser profundo, ainda que adormecidos na mente e latentes na consciência”.

No redemoinho de ações, intervenções, estímulos e apelos de toda ordem que nos chegam pelos sentidos, a todos os momentos, mergulhados na luta atroz pela sobrevivência, não é difícil que nossos valores permaneçam adormecidos.

Vivendo numa cultura de facilidades, consubstanciada, por exemplo, na informatização de tudo, basta apertar o botão para que portas se abram,

aparelhos funcionem; basta teclar para que imagens apareçam e a informação se apresente. Tornamo-nos passivos, pouco capazes de construir conhecimento, pouco interessados no processo de pensar e, no entanto, cobramos isso de nossos alunos, que se reduzem a pequenos heróis de poltrona.

Por meio da Escuta Musical, uma porta se abre: a do resgate da interioridade. Valores como o silêncio interior, a atenção, a concentração e a contemplação encontram novamente seu lugar, pois para escutar música é necessário parar, como nos diria R. Gelewski⁵:

Na verdade, ouvir é uma atividade do silêncio, uma vivência da concentração, um abandono de si e gesto puro de entrega; portanto, seria necessário silenciar-se e concentrar-se, abandonar seu ego e se entregar para saber ouvir: e quem de nós está tão pronto? (GELEWSKI, 1973, p.10).

O silêncio ambiental não é acessível em nossas escolas, as crianças entram numa espiral de hiperatividade que transforma o pátio num espetáculo, muitas vezes, dantesco; o ápice da situação é atingido quando soa a sirene, uma verdadeira agressão sonora; a sirene pretende impor-se, na base do *quem fala mais alto*, e é consentida como a única solução possível. Não seria mais fácil educar as crianças no valor do silêncio interior e criar estratégias que as levassem a vivenciar a tranquilidade?

O silêncio exterior é alcançado pela via do silêncio interior que “permite o fluxo da consciência, que nos traz inspirações e gestações de propósitos mais elevados” (MARTINELLI, 1996, p. 37).

O hábito interno do silêncio que pode ser ensinado na escola – que, aliás, teria urgência em ser ensinado na escola – traria, com o tempo, reflexos no ambiente externo. Não podemos desejar o que não conhecemos, portanto, nossas crianças não podem desejar a tranquilidade, pois não a conhecem.

⁵ Rolf Werner Gelewski (1930-1988) – bailarino e coreógrafo alemão naturalizado brasileiro. Estudioso de Filosofia oriental. Veio para o Brasil em 1960 para estruturar o Departamento de Dança da Universidade Federal da Bahia. Criou um método de escuta musical – Estruturas Sonoras – extremamente interessante, com a finalidade de refinar o sentido da escuta nos bailarinos.

O imediatismo de nossas vidas impede que tomemos tempo para ensinar às crianças uma qualidade em falta: aprender a escutar a si mesmas e aos outros.

Aprender a escutar é difícil, pois implica tornar-se disponível para o outro, valorizar o que o outro está dizendo. Nem todos sabem escutar, e não há nada mais desagradável do que ter um interlocutor que jamais escuta, mas que nos requisita como bons ouvintes.

Na base da incapacidade de ouvir, está a incapacidade de se dar, a incapacidade de entrega, como diria Gelewski, e quase sempre uma boa dose de ansiedade.

O hábito da Escuta Musical, juntamente com todo o complexo de atitudes requeridas para que ela ocorra, é educativo, não somente na sala de aula, mas na vida, pois esse hábito nos ensina que é possível parar, tornar-se disponível e contemplar.

Em última análise, as estratégias de Escuta Musical podem converter-se em portais para o autoconhecimento, e essa seria, sem dúvida alguma, a maior contribuição possível da Música para o processo educacional: música funcional a serviço da formação humana.

A EDUCAÇÃO MUSICAL COMO CRIAÇÃO DE DEMANDA ESTÉTICA

A beleza salvará o mundo.
F. M. Dostoievski

Constatamos na vida diária a dificuldade de envolver pessoas em atividades que envolvam beleza e sensibilidade. Simetria, equilíbrio, ordem são componentes essenciais de ambientes e coisas que consideramos belos.

Esses componentes estão em falta em nossas cidades, em nossas casas; o sentido estético não alimenta nosso ser e estar no mundo; a falta de pertencimento, a exclusão social faz com que muitos tratem a cidade como algo que não lhes pertence. Esta pode ser pichada, destruída, quebrada; pode-se circular com carros “envenenados” e buzinar a vontade, a qualquer hora, pois,

esse ambiente não nos pertence. A falta de beleza e equilíbrio sonoro e visual parece não mais incomodar. E assim vamos passando nosso tempo nas cidades.

Por meio das artes, podemos criar canais de emergência para os seres sensíveis que habitam em nós. Seria uma grande conquista para a Educação musical promover a conscientização das agressões sonoras a que estamos submetidos e dar início a um desejo de transformação, criando uma demanda estética, ou seja, a necessidade de conviver com beleza e equilíbrio no ambiente, o que inclui também o equilíbrio sonoro.

O hábito de escutar música, com todo o conjunto de atitudes requerido para que tal ocorra – relaxamento, atenção, concentração, imaginação – tem muito a contribuir no resgate do ambiente sonoro de nossas cidades e de nossas casas.

Comecemos por pequenas coisas, talvez, abaixando o volume da televisão.

OUTRAS CONTRIBUIÇÕES DA ESCUTA MUSICAL PARA O PROCESSO EDUCACIONAL

A MÚSICA E O CÉREBRO

Ouvir música pode ser fonte de emoções. Tão logo as vibrações sonoras são processadas no córtex auditivo, uma série de reações fisiológicas e psicológicas tem início, ativando o sistema límbico, responsável pelo processamento de emoções e criando memórias emocionais que ficarão associadas à música ouvida, sejam elas prazerosas ou indesejáveis. Quando ouvimos música que nos agrada, essas memórias são reativadas, induzindo reações orgânicas diversas, tais como a alteração da pressão sanguínea, o estímulo à vasodilatação e a diminuição da taxa de batimento cardíaco, resultando numa sensação geral de bem estar e relaxamento (ESCH *et al*, 2005, p.10).

Pesquisas comprovam que a música tem uma atuação decisiva na redução dos níveis do hormônio do estresse no organismo (TRESHUB, 2003, p.4).

O estresse em si é algo positivo, necessitamos dele para colocar nossos corpos em condições de reagir frente a uma discussão, por exemplo.

No passado, o estresse nos ajudava a nos mantermos vivos, preparando-nos para correr e fugir de perigos iminentes. No entanto, quando lidamos diariamente com situações estressantes – no trânsito, nos meios de transporte, conquistando nosso espaço no meio da multidão ou no pátio da escola – esses níveis de estresse podem tornar-se prejudiciais e até afetar a memória, a capacidade de concentração e a imunidade.

A Escuta Musical tem o poder de estancar a reação de estresse no organismo; ao ouvir música, um mecanismo metabólico complexo é ativado, essa informação atinge regiões específicas do cérebro bloqueando a produção do cortisol – o hormônio do estresse, e impedindo sua circulação pelo organismo, a partir disso, os efeitos calmantes começam a se fazer sentir.

Músicas com andamento lento, tempo regular e que respeitem as normas da tonalidade são as mais indicadas para essa finalidade, o repertório escolhido para acalmar as crianças deve considerar esses aspectos. Mas a redução do estresse não é o único benefício que podemos colher da interação entre música e cérebro, como veremos a seguir.

A sintaxe musical, ou seja, a maneira como os elementos da estrutura musical (acordes, escalas e tonalidades⁶, entre outros) estão organizados, produz em nós emoções e nos atinge de forma profunda, fazendo-nos experimentar sentimentos de alegria, saudades, tristeza e entusiasmo, que muitas vezes temos dificuldade em definir, mas que sentimos concretamente.

Para “ser tocado” emocionalmente por uma música, é necessário compreender sua sintaxe e lhe atribuir sentido, o que ocorre muitas vezes de forma intuitiva.

Tudo isso parece muito claro no caso de ouvintes que tenham formação musical. Mas, então, por que a música suscita emoções também em pessoas que nunca estudaram música? O que é que nos torna sensíveis à música? Além dos

⁶ Acordes, escalas e tonalidades são como “blocos de construção” da linguagem musical; estão para a música assim como as palavras, frases e normas gramaticais estão para a língua falada.

efeitos fisiológicos acima citados, segundo Sloboda, aprendemos sensibilidade em nossa vida cotidiana, no processo de crescer e conviver na família e nos grupos sociais que frequentamos:

As provas sugerem que pessoas não treinadas (em música) têm um conhecimento implícito daquilo que os músicos podem falar explicitamente. Nesse sentido, existe semelhança entre a música e a linguagem. Mesmo que tenham um conhecimento consciente muito limitado, indivíduos comuns falam sua língua natural, baseados nas mesmas regras gramaticais das quais se servem linguistas profissionais (SLOBODA, 1985, p. 16. Tradução livre da autora).

Desde o início, com as primeiras canções de ninar, percebemos intuitivamente o encadeamento das estruturas musicais, observamos as reações das pessoas e construímos representações mentais sobre a música, que permanecem latentes e se manifestam sempre que evocadas em situações concretas.

Nesses momentos, choramos ou nos entusiasmamos, ou ficamos tristes e dizemos “viajei com essa música”.

MÚSICA E EFEITOS DE TRANSFERÊNCIA

Além dos efeitos emocionais e psicológicos da música discutidos acima, na atualidade, verifica-se interesse crescente no estudo dos chamados efeitos de transferência (*transfer effects*); a transferência se efetua de um domínio cognitivo para outro, facilitando o processamento de informações no domínio de transferência. Tais efeitos baseiam-se na similaridade de processos envolvidos na situação original e na situação facilitada, como, por exemplo, ocorre com a habilidade para andar de bicicleta, que se aproveita também para a prática do *skate* ou do esqui (WEINBERGER, 10. dez. 2009).

A pesquisa neuropsicológica tem evidenciado efeitos de transferência do domínio musical para o processamento do idioma, desenvolvendo habilidades verbais e de leitura e, ainda, em tarefas espaciais e temporais, na concentração, atenção, memória e coordenação motora.

Maria Spychiger realizou um estudo no Canadá cujos resultados demonstraram que um currículo com incremento na parte musical, a expensas de Linguagem e Matemática, levou crianças a um maior domínio de linguagem e leitura.

A habilidade de discriminar diferentes alturas (acuidade auditiva) é um exemplo de facilitação da Música na aprendizagem da Leitura, devido à facilidade para compreender e emitir novos sons (SPYCHIGER, 10 dez. 2009).

O *efeito Mozart* é um efeito de transferência; o primeiro estudo de Frances Rauscher, Gordon Shaw e Katherine Ky data de 1993. Os pesquisadores procuravam saber se a exposição a certos tipos de música poderia incrementar habilidades cognitivas. O experimento tinha as seguintes características: 36 estudantes de 2º grau foram divididos em três grupos, os quais passaram dez minutos numa das seguintes condições:

- a) ouvindo a Sonata para Dois Planos em Ré maior de Mozart K 448;
- b) ouvindo uma gravação com instruções de relaxamento;
- c) em silêncio.

Imediatamente após, os grupos foram testados em raciocínio espaço-temporal utilizando para tanto a bateria de testes Stanford-Binet.

O teste consistia no seguinte: depois de observar uma folha de papel dobrada várias vezes e submetida a vários cortes com uma tesoura, os estudantes deveriam predizer corretamente quais seriam os padrões formados no papel desdobrado.

A pontuação do grupo que ouviu Mozart foi significativamente superior a dos outros dois grupos. A partir, disso divulgou-se em larga escala que a música de Mozart tornava as pessoas mais inteligentes.

Outras equipes de pesquisadores não conseguiram obter os mesmos resultados com a experiência e argumentaram que tais efeitos não seriam limitados somente à música de Mozart, mas que se estenderiam a qualquer música com grau de complexidade equivalente (WEINBERGER, 15 jan. 2010). O efeito Mozart teve sua credibilidade questionada.

As pesquisas comprovam que a música contribui para o desenvolvimento mental e o incremento de funções cognitivas, ainda que por breves períodos de tempo. O grande desafio para a pesquisa neuropsicológica neste momento é elucidar efeitos de longo prazo que a música pode desencadear no ser humano, o que viria a consolidar sua presença no currículo escolar.

ESTORINHAS PARA OUVIR: UMA FERRAMENTA DE TRABALHO ESSENCIAL

No contexto de uma educação para a formação humana que temos discutindo até aqui, a Escuta Musical se apresenta como valioso recurso educacional, uma estratégia importante para a humanização da sala de aula, se realizada nas condições que discutiremos a seguir.

Para o momento da escuta, é necessário criar condições ritualísticas que causem impressão profunda no emocional das crianças, levando-as a experimentar sensações de bem estar e diferentes estados de consciência. Para isso, aliás, servem os rituais: enfatizar os grandes momentos.

Quando, na sala de aula, apagamos a luz, organizamos as carteiras, sugerimos às crianças que se sentem corretamente e respirem profundamente, o corpo e a psique se preparam para algo extraordinário que vai acontecer: a Escuta Musical, com tudo o que isso representa.

Na maioria das vezes, as crianças não estão preparadas para simplesmente aquietar-se e ouvir atentamente uma música, necessitam compreender o sentido de se fazer isso e desenvolver atitudes que lhes possibilitem parar e ouvir o silêncio interior.

As Estorinhas para Ouvir realizam essa mediação entre a atitude cotidiana de sala de aula e a atitude de tranquilidade que almejamos desenvolver, criam um momento mágico de imaginação e possibilitam para as crianças vivenciar o silêncio.

São estorinhas com as seguintes características: curta duração (máximo de 1 minuto); apresentam situações evocativas do imaginário; incluem sempre um

momento de expectativa, no qual se ouve a música escolhida; as músicas devem ter inicialmente curta duração e características que induzam ao relaxamento, pressupõem uma narrativa expressiva e teatral por parte do professor.

O repertório musical deve ter características que propiciem um ambiente de calma e que procurem traduzir o espírito evocado pela ideia da estorinha, em outras palavras, o texto e a música das estorinhas estarão unidos para tocar o imaginário das crianças.

São músicas tranquilas, suaves, com andamento moderado a lento, de curta duração (50 segundos a 2 minutos), com ausência de grandes contrastes de intensidade ou timbre. Muitas músicas possuem essas características: pequenas peças instrumentais de autores nacionais e estrangeiros da tradição clássica.

Entre os autores nacionais, Villa Lobos e Antonio Ribeiro escreveram pequenas joias que, além de participarem da estratégia didática, passarão a incorporar o patrimônio cultural das crianças⁷.

A seguir transcrevemos um exemplo de estorinha:

Estória da Estrelinha

Era uma vez um garotinho que adorava a noite porque o céu ficava cheio de estrelinhas brilhantes que cintilavam assim... (produzir o som das estrelinhas) O que ele mais queria era poder pegar uma delas e guardá-la dentro de uma caixinha para poder ver sua luz também durante o dia.

Mas... o céu era muito alto, muito longe... e o menino não tinha uma nave espacial que o levasse... Por isso, um dia estava triste à janela e disse à sua mãe: – Mamãe, estou triste, não posso pegar uma estrela do céu e guardá-la nesta caixinha para ver sua luz também durante o dia... A mãe então respondeu:

– Filho, você não pode pegar uma estrela do céu, mas pode ouvir sua voz, se ficar bem quietinho, fechar os olhos e prestar bastante atenção, ouça... o menino então se deitou, fechou os olhos, ficou bem tranquilo e... ouviu a voz da estrelinha...”

(neste momento, a música é colocada)

⁷ No livro Estorinhas para Ouvir – aprendendo a escutar música, indicado na Bibliografia, é possível encontrar indicações discográficas mais precisas e mais três histórias para trabalhar a escuta infantil.

As Estorinhas para Ouvir têm pelo menos quatro objetivos gerais relacionados ao processo de desenvolvimento humano das crianças:

- Propiciar a vivência da interiorização pessoal e musical;
- Desenvolver atitudes ligadas à escuta (relaxamento, atenção, contemplação);
- Possibilitar a fruição de emoções e do imaginário;
- Criar referências de repertório musical.

Além destes objetivos gerais, outros objetivos mais específicos, para a sala de aula, devem ser considerados:

- Preparar a experiência da aula como estratégia introdutória;
- Viabilizar estados de atenção e concentração que propiciem o estudo;
- Harmonizar o grupo de crianças entre si e com o professor;
- Introduzir momento estético diferenciado.

Existem dois tipos de estorinhas para ouvir: *estorinhas simples* e *estorinhas estendidas*:

1. Estorinhas para ouvir simples – estas estorinhas têm a função de promover o relaxamento, a afinação da mente e a focalização da atenção para o processo de estudar que ocorrerá a seguir, ou seja, constituem uma estratégia inicial, a ser realizada a cada dia, tomando no máximo dez minutos do tempo da aula;

2. Estorinhas para ouvir estendidas – estas estorinhas constituem atividades em si mesmas, além de cumprir a mesma função das estorinhas simples, possibilitam ao professor desenvolver com as crianças um trabalho mais amplo de imersão musical e criatividade, integrando linguagens diversas. Assim, a temática da estorinha pode transformar-se em desenho com lápis de cor ou tinta guache, esculturas com massinhas, poesias, textos em prosa, trabalhos de colagem e atividades envolvendo o movimento corporal criativo, tudo isso de acordo com as escolhas do grupo. Nesse caso, as estorinhas podem durar uma hora e até mais que isso, dependendo do tipo de trabalho de integração escolhido.

Para as estorinhas estendidas, requer-se um repertório de músicas mais longas, que possam servir como pano de fundo para as produções das crianças. São músicas de caráter encantatório, de duração maior (10 minutos e mais), ou até mesmo gravações de paisagens sonoras: sons da natureza, sons de água, sons da floresta. O repertório clássico nacional e internacional, assim como o repertório étnico, oferecem muitos exemplos de músicas que podem ser utilizadas para essa finalidade, para citar algumas: movimentos lentos de sinfonias, concertos, suítes; música vocal da renascença; músicas da tradição clássica medieval (gregoriano, peças para alaúde, harpa etc.); músicas minimalistas e músicas tradicionais étnicas.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE INICIAL COM ESTORINHA PARA OUVIR

A preparação ritualística da sala é indispensável: pouca luz ou luz natural; se houver disponível uma sala sem carteiras, as crianças poderão se sentar em círculo, no chão; se a atividade ocorrer na sala de aula, organize as carteiras, mude o que for possível e deixe o aparelho de som preparado, com a música previamente selecionada. Na medida do possível, o ambiente deve ser equilibrado, e porque não, embelezado pelas produções das próprias crianças.

As crianças devem estar confortáveis, eretas, mas relaxadas e, durante alguns momentos, permanecer concentradas em seu ritmo respiratório; durante esse tempo de silêncio, pode-se sugerir às crianças que mentalizem partes de seu corpo, como forma de relaxamento. A estorinha deve ser narrada com tranquilidade e muita expressão, permitindo às crianças contatarem seu mundo interior, um mundo de imagens.

Após a escuta, as crianças devem deixar o estado de relaxamento com calma e suavidade. Um comentário terá então lugar, sobre o que sentiram, sobre as imagens evocadas, sobre a importância do silêncio e do relaxamento, entre muitas outras questões que certamente poderão surgir.

As estorinhas para ouvir vêm sendo testadas por professores de música, de educação infantil e ensino fundamental, no contexto da sala de aula. Inúmeros

benefícios vêm sendo relatados por eles, entre os quais: tranquilização e relaxamento das crianças, participação na estória com dados do imaginário, aproveitamento da temática das estorinhas para a criação de outras intervenções possíveis, a exemplo de uma história em quadrinhos, melhoria das relações afetivas no grupo e aumento da concentração e da produtividade nos estudos, de maneira geral.

CONCLUSÃO

Bons ventos sopram atualmente com a aprovação da Lei 11.769/2008, que torna a Música novamente conteúdo obrigatório em toda a Educação Básica.

A Resolução CNE-CEB nº 7, de dezembro de 2010, abre um campo de atuação amplo a todos os professores que queiram atuar com música, sejam eles especialistas ou leigos, ao estipular o que segue:

Art. 31 Do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, os componentes curriculares Educação Física e Arte poderão estar a cargo do professor de referência da turma, aquele com o qual os alunos permanecem a maior parte do período escolar, ou de professores licenciados nos respectivos componentes.

Devemos aproveitar esse grande momento – apesar do gigantismo da tarefa e de todas as dificuldades – para fazer com que o acesso à Música se estenda democraticamente a toda a população brasileira, a começar pelas crianças.

Na visão abrangente que temos discutindo ao longo deste escrito, o ensino da Música transcende a simples aprendizagem técnica de um instrumento ou da própria linguagem musical, para tornar-se ferramenta poderosa de desenvolvimento humano, desenvolvendo capacidades de concentração, atenção, relaxamento, integração ao grupo, criatividade, criticidade, percepção de si, do outro e do ambiente, que serão fundamentais para a vida da pessoa em formação.

Trata-se de compreender que a música sensibiliza, atinge o ser humano em todas as suas dimensões – fisiológica, sensorial, afetiva, mental, social e

espiritual; promove sua realização como totalidade – integridade de corpo, mente e espírito – e reintroduz no cotidiano uma dimensão estética muito necessária.

A música na Escola passa a existir, nessa ótica, como uma estratégia de resistência que busca preservar o sentido de humanidade, estratégia que virá a garantir a valorização do humano e a formação integral das crianças e jovens do Brasil.

BIBLIOGRAFIA

DAMÁSIO, Antonio. **O Erro de Descartes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GELEWSKI, Rolf. **Estruturas Sonoras I**. Salvador: Nós, 1973.

KOELLREUTTER, H. J. Uma Sinfonia de Seres Humanos. *In: Revista Educação*. São Paulo, n. 207, p. 3-5, 1998.

KOELLREUTTER, H. J. **Sobre a educação musical hoje – e quiçá – amanhã**. Manuscrito do autor.

LUCHESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

MARTINELLI, Marilú. **Aulas de Transformação**. São Paulo: Peirópolis, 1996.

MORAES, M.C. **O Paradigma Educacional Emergente**. Campinas: Papirus, 1999.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. São Paulo: Instituto Piaget, 1995.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PAREJO, Enny. **Escuta musical – uma estratégia transdisciplinar privilegiada para o Sentipensar**. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Educação – Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

_____. **Estorinhas para ouvir – aprendendo a escutar música**. São Paulo: Vitale, 2007.

_____. Música e transdisciplinaridade - um caminho de interiorização. *In: Ensino, música, e interdisciplinaridade*. Goiânia: Vieira, 2009.

SLOBODA, John A. **L'Esprit Musicien** – La psychologie cognitive de la musique. Bruxelas : Pierre Mardaga, 1985.

TOMATIS, Alfred. **L'Oreille et la voix**. Paris: Robert Laffont, 1975.

TREHUB, Sandra E. Musical predispositions in infancy: an update. *In: PERETZ Isabelle, ZATORRE, Robert. The cognitive neuroscience of music*. New York: Oxford University Press, 2003.

WEBGRAFIA

ESCH, Tobias et al. **Commonalities in the central nervous system's involvement with complementary medical therapies**: limbic morphinergic processes. Disponível em: http://www.medscimonit.com/pub/vol_10no_6/5350.pdf. Acesso em: 14 abr. 2005.

MUSICA RESEARCH NOTES: V VI I2, Spring, 1999. WEINBERGER, Normam M. **Can music really improve the mind?** The question of transfer effects. Disponível em: www.musica.uci.edu. Acesso em: 15 jan. 2010.

MUSICA Research Notes: V VII, I, 1, Winter 2000. WEINBERGER, Norman M. **The Mozart Effect: A Small Part of the big Picture**. Disponível em: www.musica.uci.edu. Acesso em: 10 dez. 2009.

SPYCHIGER, Maria. *Can music in school give stimulus to other school subjects?* *In: MUSIC PEDAGOGICAL SYMPOSIUM OF THE MUSIC FAIR*, 1998, Gothe borg, Suécia. Disponível em: <http://203.98.79.137/index.php?id=150>. Acesso em: 10 dez. 2009.

CULTURA de Paz – Uma utopia realizável. Carta da Transdisciplinaridade: <http://www.unipazrj.org.br/transdisciplinaridade.htm>. Acesso em: 23 ago.2007.